



A Educação Ambiental Crítica presente no trabalho do Núcleo de Desenvolvimento Social e Econômico da Universidade Federal do Rio Grande (NUDESE-FURG)

Lucia Nobre¹
Lucia F.S. Anello²

Resumo: Neste artigo, procuramos apresentar a relação entre a Educação Ambiental Crítica e o trabalho realizado pelo Núcleo de Desenvolvimento Socioeconômico da Universidade Federal do Rio Grande (NUDESE-FURG) junto aos empreendimentos de Economia Solidária do município do Rio Grande-RS. A Economia Solidária se apresenta como uma alternativa à lógica de acumulação da economia capitalista, baseada na exploração da natureza e do trabalho humano para acumulação de riquezas. A Economia Solidária, em contrapartida, baseia-se na valorização social do trabalho humano, bem como na satisfação plena de suas necessidades; fundada nos princípios de cooperação e solidariedade em que se busca uma relação de intercâmbio respeitosa com a natureza. O trabalho realizado pelo NUDESE, sustentado no tripé pesquisa, ensino e extensão, atua de forma interdisciplinar, com base nos fundamentos da Economia Solidária, no fortalecimento do trabalho coletivo de cooperativas, associações e outras formas de trabalho associado, relacionados a diversas áreas como pesca artesanal, reciclagem, artesanato, alimentação e feiras, dialogando com a comunidade universitária e comunidade em geral. Deste modo, o trabalho realizado pelo Núcleo se pauta na busca por uma outra sociedade, em que a justiça ambiental impere, estando, portanto, relacionado às premissas da Educação Ambiental Crítica, a qual se apresenta como uma proposta contra-hegemônica à economia dominante, na medida em que busca por meio da interdisciplinaridade, desvelar as relações de dominação que constituem o atual modelo de sociedade.

Palavras Chaves: NUDESE-FURG, Economia Popular Solidária, Educação Ambiental Crítica

Critical Environmental Education present in the work of the Center for Social and Economic Development of the Federal University of Rio Grande (NUDESE-FURG)

Abstract: In this article, we present the relationship between Critical Environmental Education and the work carried out by the Nucleo de Desenvolvimento Social e Economico of the Universidade Federal do Rio Grande (NUDESE-FURG), together with the Solidarity Economy projects in the city of Rio Grande-RS. The Solidarity Economy presents itself as an alternative to the logic of accumulation of the capitalist economy, based on the exploration of nature and human labor for the

¹ Administradora de Empresas, especialista em Gestão Ambiental em Municípios e Mestranda em Educação Ambiental, Coordenadora do NUDESE/FURG. E-mail: lucianobre@furg.br

² Professora Doutora do Programa de Pós Graduação em Educação Ambiental e do Programa de Pós Graduação em Gerenciamento Costeiro da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. E-mail: luciaanello@hotmail.com

accumulation of wealth. The Solidarity Economy, on the other hand, is based on the social valorization of human work, as well as on the full satisfaction of its needs; Founded on the principles of cooperation and solidarity in which a relationship of respectful exchange with nature is sought. The work carried out by NUDESE, based on the research, teaching and extension tripod, works in an interdisciplinary way, based on the foundations of Solidarity Economy, in the strengthening of the collective work of cooperatives, associations and other forms of associated work related to several areas such as fishing artesanal, recycling, handicrafts, food and fairs, dialoguing with the university community and the community in general. Thus, the work carried out by the Nucleus is based on the search for another society in which environmental justice prevails and is therefore related to the premises of Critical Environmental Education, which presents itself as a counter-hegemonic proposal to the dominant economy, Insofar as it seeks through interdisciplinarity to unveil the relations of domination that constitute the current model of society.

Keywords: NUDESE-FURG, Popular Solidarity Economy, Critical Environmental Education

1. Introdução: A Economia Popular Solidária como Alternativa ao Modo de Produção Capitalista

O sistema capital tem um caráter explorador e desumano ao trabalhador, ao mesmo tempo em que usa de forma desenfreada a natureza. David Cattani (2003), nos diz que o capitalismo apresenta três grandes problemas: o primeiro corresponde à intensificação da sua natureza, ou seja: a acumulação. O capital acumulado serve de investimento para novos empreendimentos, que explora e extrai mais-valia do trabalhador para formar novamente capital acumulado. Nesta ciranda, segundo Paul Singer (2002) os ganhadores acumulam vantagens e os perdedores acumulam desvantagens nas competições futuras. A acumulação pressupõe que a riqueza que era de muitos, passa a ser de poucos, assim teremos empresários falidos, trabalhadores desempregados, numa disputa que o sistema impõe a permanente concorrência.

O segundo problema do capitalismo, segundo Cattani (2003), é o imenso fosso das desigualdades, de tal forma que a soma da riqueza de 0,01% da população é equivalente ao que possuem 50% dos habitantes do planeta. Alguns poucos bilionários detêm bens e poderes superior ao de dezenas de nações. Não se vislumbra uma distribuição igualitária da riqueza, resultado da acumulação desenfreada.

O terceiro problema identificado pelo autor é a exploração predatória na natureza, que é fonte de toda a riqueza. Desta forma, é que o ar, a água, as florestas estão ameaçadas pela malfadada expansão industrial. As crises econômicas expõem as fragilidades do sistema, que recaem primeiro nos trabalhadores, que ao perderem os seus empregos, perdem muitas vezes a dignidade de condições básicas como moradia, saúde, educação, alimentação. Mediante esta crise, se faz necessário a proposta de uma outra economia, baseada em valores de cooperação e solidariedade.

Esta outra economia, que pode ter diversos nomes ou conceitos. Alguns designam de Economia Popular Solidária, outros por economia social, ou ainda por economia do trabalho. É outra economia, diversa da economia capitalista que é baseada no trabalho alienado e explorado, na acumulação e concorrência. A estrutura desta outra economia está fundada na organização coletiva dos trabalhadores, atentando para a autogestão e a participação democrática.

A Economia Popular Solidária, como preferimos chamar, baseia-se na proposição de outra forma de organizar a produção e consumo, de forma direta, sem intermediários, em uma produção coletiva, baseada em um consumo ético. Nesta proposta, há diversas maneiras de organização desde grupos informais a empresas autogestionárias, associações, cooperativas, formação de redes para produção e consumo solidário, clubes de trocas, bancos populares, entre outras.

Nos últimos anos vem se consolidando novas formas de organização coletiva de trabalho e geração de renda e tais experiências são disseminadas nos diversos espaços urbanos e rurais, nos chamados “empreendimentos econômicos solidários”, que em sua origem, nascem como instrumentos de luta da classe trabalhadora contra o desemprego estrutural e o despotismo do trabalho. Tais empreendimentos populares orientam-se por alguns princípios: como a solidariedade, o protagonismo popular e sustentabilidade, articulados ao movimento contra hegemônico à crise estrutural gerada pelo sistema capitalista. Segundo Marlene Ribeiro:

A substituição do modelo taylorista-fordista de produção pelo paradigma da acumulação flexível baseia-se na aplicação de novas tecnologias aos processos produtivos que acabam por eliminar milhões de postos de trabalho, gerando o desemprego tecnológico e conseqüentemente o desemprego estrutural (RIBEIRO, p. 23, 2007).

Essa crise serviu para a manutenção das profundas desigualdades, que cada vez mais se acentua e destrói postos de trabalho, flexibiliza as relações de trabalho, vinculada a abolição dos direitos sociais, duramente conquistados pela classe trabalhadora. Segundo Ricardo Antunes:

Este processo dá-se pela conjunção da globalização excludente, que amplia o desigual, e pelo monopólio privado da ciência e tecnologia. A globalização, como mostra vários estudos, na forma que se explica atualmente é, sobretudo, a ruptura das fronteiras dos mercados nacionais pela ferrenha competição na realização (venda) das mercadorias que condensam trabalho social explorado (capital-mercadoria), pela hegemonia do capital financeiro (ANTUNES, p. 132, 1995).

A origem do trabalho fundado nos princípios da Economia Popular Solidária é fomentar a mobilização social dos trabalhadores a partir de encontros, promovendo a auto-organização destes trabalhadores e trabalhadoras, pois a metodologia é construída com os próprios trabalhadores, enquanto protagonistas populares deste processo. É assim que o trabalho desenvolvido pelo Núcleo de Desenvolvimento Social e Econômico da Universidade Federal do Rio Grande (NUDESE-FURG) vem buscando se construir, ao longo dos seus quatorze anos de existência.

Neste trabalho, o processo educativo ambiental, fundamentado na compreensão da Educação Ambiental Crítica, presente no trabalho promovido pelo Nudese junto a grupos de Economia Popular Solidária nos segmentos da pesca artesanal, reciclagem, artesanato, alimentação e feiras.

2. O Núcleo de Desenvolvimento Social e Econômico da Universidade Federal do Rio Grande (NUDESE-FURG)

2.1. História do NUDESE e sua relação com os grupos que avançam no trabalho associado³

Toda universidade, principalmente a universidade pública, precisa ter o compromisso com a sociedade em que está inserida, o que não é diferente com a Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Buscando preparar sólidos conhecimentos capazes de dar dinâmica às organizações, produzindo e transferindo tecnologias, gerenciando com eficiência seus sistemas básicos de ensino, pesquisa e extensão, a Universidade realiza projetos que visam o desenvolvimento local e regional sustentável.

Uma das experiências da FURG teve início em 1994, com o projeto “Trabalho Comunitário”, quando um grupo de servidores da Universidade, sensibilizados com o desemprego e a proliferação da pobreza, elaborou uma parceria com o Comitê da Cidadania e Combate à Fome, Miséria e pela Vida da Cidade do Rio Grande. O Projeto tinha como principal objetivo resgatar a cidadania, oportunizando trabalho remunerado às pessoas desempregadas da periferia do município do Rio Grande. Em 1997, o trabalho consolidou-se com a fundação da COOTRACOM (Cooperativa de Trabalho Comunitário Ltda), apoiado pela FURG. Tal empreendimento foi assessorado, pelo projeto de extensão denominado “Apoio e Assessoria a Grupos de Economia Popular Solidária”, direcionando

³ Disponível em <http://www.nudese.furg.br/index.php/historia>

suas ações para áreas referentes à Economia Popular Solidária, atendendo não apenas cooperativas, mas outras formas de organizações associadas.

Com a eleição em 1998 do Governador Olívio Dutra no estado do Rio Grande do Sul, outras iniciativas como esta começaram a surgir, das quais destacamos o Programa Qualificar RS que foi desenvolvido buscando qualificar mão de obra em diversas áreas, projeto Trocas Solidárias, bem como o Programa Extensão Empresarial, que se ocupava em assessorar micro e pequenas empresas, objetivando o desenvolvimento local.

Neste contexto, surgiu em 2003 o Núcleo de Desenvolvimento Social e Econômico – NUDESE, sendo um núcleo permanente tendo como objetivo oferecer apoio a projetos com enfoque na promoção do desenvolvimento através da geração de trabalho e renda. Suas atividades são desenvolvidas a partir de projetos específicos que visam atender empreendimentos econômicos solidários (grupos informais, associações e cooperativas), qualificação dos trabalhadores, ações de combate à fome e novas alternativas de produção e consumo.

2.2.Fundamentos metodológicos do NUDESE

Mesmo o NUDESE sendo um núcleo permanente de extensão, toda ação do Núcleo envolve necessariamente atividades de ensino, pesquisa e extensão sendo desenvolvidas por uma equipe interdisciplinar.

O método Freiriano da ação-reflexão-ação possibilita a construção coletiva do conhecimento, que pode ser traduzida como processo reflexivo teórico a partir da prática tanto científica quanto empírica, capaz de provocar novas pesquisas e conhecimentos na construção direta nas comunidades demandantes.

Desta forma, a metodologia utilizada pelo Núcleo é distribuída entre as etapas de: sensibilização, diagnóstico, formação e acompanhamento sistemático a partir dos princípios da Educação Popular.

Durante a etapa da sensibilização busca-se a motivação para o trabalho coletivo, partindo de uma demanda apresentada por algum grupo ou agrupamento. No diagnóstico (Diagnóstico Rápido e Participativo – DRP) são verificadas as potencialidades e dificuldades enfrentadas pelo grupo, a partir do levantamento de demandas de forma participativa. Após o diagnóstico passamos para a formação com a execução de cursos e/ou oficinas de Cooperativismo e Associativismo Autogestionário, além dos cursos técnicos específicos para área de cada empreendimento e na área de Gestão Participativa.

A adoção do acompanhamento sistemático, que é um assessoramento permanente, com a presença de um mediador-consultor diretamente no local de trabalho dos empreendimentos solidários, não diário, mas com frequência estabelecida conforme a necessidade vivida pelo empreendimento é o que garante a dialética vivida pelos atores envolvidos.

Cabe salientar que ao longo da história o Núcleo de Desenvolvimento Social e Econômico – NUDESE/FURG, muitas foram as experiências e aprendizados que oportunizaram a reflexão de um trabalho a serviço da comunidade e do verdadeiro papel de uma universidade pública de qualidade e com referência social. E ao longo da existência deste núcleo nos inspiramos no grande educador Paulo Freire que nos diz:

Para mim o utópico não é o irrealizável; a utopia não é o idealismo, é a dialetização dos atos de denunciar e anunciar, o ato de denunciar a estrutura desumanizante e de anunciar a estrutura humanizante. Por esta razão a utopia é também um compromisso histórico[...] É atuando que posso transformar meu anteprojeto em projeto; na minha biblioteca tenho um anteprojeto que se faz projeto por meio da práxis e não por meio do blábláblá (FREIRE, 1980, p. 27-28).

E é esta afirmação de Freire que faz com que o NUDESE comece e recomece suas atividades a cada dia, mesmo enfrentando diversos problemas como: a pouca importância dada para projetos de extensão em uma política nefasta que cada vez mais a produtividade é que vale, e como todo trabalho de transformação social é longo, não dá resultados imediatos. Mesmo assim, a equipe do NUDESE busca em suas atividades oferecer aos trabalhadores e trabalhadoras instrumentos que estes possam ir empoderando-se e interfirmar de forma clara em suas relações com o mundo do trabalho, permitindo assim, que estes novos atores sociais sejam capazes de propor alternativas para esta sociedade que os exclui a cada dia.

3. A Economia Popular Solidária como Fundamentação Teórica do Trabalho desenvolvido pelo Nudese-FURG

Podemos dizer que a Economia Solidária nasce um pouco depois do capitalismo industrial, como reação ao empobrecimento dos tecelões, substituição destes por máquinas e a própria organização fabril. As jornadas de trabalho eram bastante longas levando os trabalhadores a exaustão. Esta exaustão levava muitas vezes a debilidade extrema: “morte”

e isso baixa enormemente a produtividade dos patrões, para tanto alguns industriais defendiam a criação de leis protecionistas aos trabalhadores, entre eles Robert Owen”⁴.

Várias experiências inspiradas em suas proposições aconteceram e o cooperativismo owenista foi assumido principalmente pelo crescente movimento sindical e cooperativo da classe trabalhadora. A criação destas cooperativas ligadas a luta de classe conduzidas pelos sindicatos, não reivindicavam aos empregadores apenas melhorias de salários e condições de trabalho, mas buscavam substituí-los no mercado, trocando o assalariamento pela autogestão (um dos princípios da Economia Solidária). Este cooperativismo se apresentava como uma alternativa concreta ao modo de produção capitalista.

Nesta mesma vertente surge a economia solidaria, como uma alternativa a este sistema excludente. Ao buscarmos informações históricas podemos notar que a economia social ou Economia Solidária surge nos mais diversos países sempre ao meio uma das crises que revela o fracasso dos modelos baseados na competição e na ditadura dos mercados.

Com o aprofundamento destas crises geradas pelo sistema capitalista entre os anos 1950 e 1970, o Brasil e a América Latina serviram para manutenção das profundas desigualdades, da destruição de postos de trabalho, da precarização e flexibilização das relações de trabalho, vinculada a abolição dos direitos sociais e o enfraquecimento da classe trabalhadora.

Na opinião de Singer (2002), a Economia Solidária busca resgatar os princípios do cooperativismo owenista que resulta o grande valor atribuído à democracia e à igualdade dentro dos empreendimentos, a insistência na autogestão e o repúdio ao assalariamento. Efetivando-se, assim, a ressurreição dos valores e princípios cooperativistas, consolidando a autogestão.

A Economia Solidária é derivada da necessidade humana, num processo de construção de baixo para cima, portanto, uma construção permanente. Ela significa uma nova expressão do movimento cooperativista frente à nova etapa do capitalismo, caracterizada pelo desemprego estrutural e pela precarização do trabalho, sob a hegemonia da globalização financeira (ROLDÃO, 2004).

⁴ Robert Owen era proprietário de um imenso complexo têxtil em New Lanark, ele reduziu a jornada de trabalho e proibiu o trabalho de crianças e com isso aumentou enormemente a produtividade.

Mais que isto, a proposta da Economia Solidária vem resgatar o trabalho como princípio educativo, o trabalho ontológico, o trabalho criativo, consolidando um movimento social que se contrapõe ao sistema estabelecido.

Assim como nos diz o autor:

Como criador de valores de uso, coisas uteis, forma de intercâmbio entre o ser social e a natureza, não nos parece plausível conceber, no universo da sociabilidade humana, a extinção do trabalho social em seu sentido (auto) formativo. Se é possível visualizar, para além do capital, a eliminação da sociedade do trabalho abstrato – ação essa naturalmente articulada ao fim da sociedade produtora de mercadorias -, é algo ontologicamente distinto dispor ou conceber o fim do trabalho como atividade útil, como atividade vital, como elemento fundante, protoforma da atividade humana, como lembrou Lukács em sua Ontologia do ser social (ANTUNES, 2005, p.33).

Para Schütz (2002), no interior da Economia Popular Solidária estão se gestando novas referências de ação e de educação, referências capazes de impulsionar novas formas de organização social, podendo constituir espaços privilegiado de desenvolvimento da práxis educativo-libertadora, pratica esta que poderá ser libertadora para classe trabalhadora, tendo no trabalho a possibilidade de transformação de toda uma sociedade.

As cooperativas, associações e grupos informais que o NUDESE acompanha demonstram, mesmo que timidamente, que é possível superar a lógica reducionista do paradigma do capital. Segundo Nascimento (2004):

A Economia Solidária é derivada da necessidade humana, num processo de construção de baixo para cima, sem nenhum estudo filosófico anterior, e ainda está em construção, pois não é uma teoria fechada. Ela “significa uma nova expressão do movimento cooperativista frente à nova etapa do capitalismo, caracterizada pelo desemprego estrutural e pela precarização do trabalho, sob a hegemonia da globalização financeira.

Neste sentido, a radicalização da Economia Solidária significa a reapropriação daquilo que o capital expropriou dos trabalhadores ao longo da história, valorizando o homem sobre o capital, nas relações de trabalho, resgatando a essência humana da cooperação, da liberdade e da solidariedade”. (NASCIMENTO, p. 12, 2004).

No entanto, os processos desenvolvidos junto aos empreendimentos solidários, ocorrem de forma gradual uma vez que estes empreendimentos desenvolvem compreensões divergentes acerca dos princípios da Economia Popular Solidária. Um exemplo, disto se dá com os grupos que o NUDESE atende, a partir da necessidade de

sobrevivência no mercado competitivo, acabam optando pela lógica cooperativa de autoorganização dos trabalhadores. Segundo Singer (2002):

A construção de uma Economia Solidária depende essencialmente da população, sua vontade de experimentar e aprender, aderindo aos princípios da solidariedade, da igualdade e da democracia, a sua vida cotidiana, porém esta nova forma de organização, não acontece dia para noite, ela depende de um esforço de inúmeras esferas da sociedade civil (SINGER, p. 41, 2002).

Tendo este olhar, o NUDESE-FURG, atualmente desenvolve ações de assessoria, incubação e pós-incubação nos seguintes segmentos: pesca artesanal, reciclagem, artesanato, alimentação e feiras.

3.2.Caracterização dos empreendimentos assessorados, incubados ou pós incubados pelo NUDESE-FURG

3.2.1. Pesca Artesanal

A Associação de Pescadores da Vila São Miguel - APESMI e a Cooperativa de Pescadores e Pescadoras Profissionais Artesanais da Vila São Miguel – COOPESMI são empreendimentos que se encontram em processo de pós-incubação. A APESMI foi constituída no ano de 2002, com 23 associados, em virtude das grandes dificuldades enfrentadas pelos pescadores artesanais como: pesca predatória, ação do atravessador e legislação ultrapassada.

Teve incentivos pelo programa do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, o RS-Pesca, com apoio da EMATER e da FURG, através do NUDESE. Esse grupo de pescadores começou a participar de cursos, oficinas, seminários e audiências públicas, resultando na formação da referida associação. Em 2004 propuseram um projeto de entreposto que possibilitassem a lavagem e armazenamento do pescado e desde então mantiveram uma busca constante de políticas públicas para o setor, com sua efetiva participação conquistou um acento no Fórum da Lagoa dos Patos.

A APESMI ao longo destes anos teve um forte protagonismo nas comunidades tradicionais de pesca tais como: luta e conquista de moradia para pescadores, auxílio financeiro e alimentício nos períodos de safras fracassadas, além de buscar junto a Capitania dos Portos o acesso aos analfabetos para realização dos cursos que lhes permitiam ter matrícula de pesca, um dos documentos exigidos da profissão.

Em 2009 foi firmado convênio com o Ministério da Pesca e Aquicultura para a conclusão do entreposto em terreno sob o regime de comodato. As obras concluíram-se apenas em 2013, com financiamento do FEAPER e patrocínio Petrobras.

A Associação juntamente à Incubadora busca ativamente fontes de recursos que lhe permitem aprimorar o entreposto de beneficiamento de pescado, tais como uniformes e materiais de produção, equipamentos, assistências técnicas, serviços de manutenção e também aumentar seu protagonismo na Comunidade São Miguel na cidade do Rio Grande. Com o patrocínio Petrobras a APESMI teve a oportunidade de trabalhar a desmistificação do pescado nas escolas municipais.

De forma a atender a legislação e viabilizar comercialização do pescado junto à órgãos públicos e outras entidades, foi necessário a criação da COOPESMI no ano de 2012. Desde então, grandes conquistas foram obtidas para o grupo como a entrega de pescado na merenda escolar da rede municipal e estadual, no Hospital Santa Casa do Rio Grande e a comercialização do peixe em feiras livres da cidade e na Rede de consumidores Bem da Terra.

Além da assessoria à APESMI e COOPESMI, o NUDESE-FURG no segmento da pesca artesanal vem atuando também junto ao Fórum da Lagoa dos Patos, possuindo acento junto à Coordenação do mesmo enquanto secretaria executiva, prestando auxílio nas reuniões, redação de atas e ofícios e apoio técnico especializado quando necessário. O Fórum da Lagoa dos Patos foi criado em 1996, como espaço de formulação e mediação de conflitos que buscam a democratização das ações de fiscalização e controle para a gestão dos recursos pesqueiros (MOURA et al., 2013; MOURA e LOUREIRO, 2015).

De acordo com os autores supracitados:

O Fórum da Lagoa dos Patos pode ser entendido como um espaço de educação, condizente com os pressupostos da Educação Ambiental Crítica, na medida em que nele pode ser propiciado o desenvolvimento de uma experiência coletiva de diálogo, como palavra que não pode ser privilégio de poucos, pois é no diálogo uns com outros que a consciência crítica sobre a realidade vai tomando forma. Assim, como os Círculos de Cultura que Freire traz como espaços organizativos de diálogo entre os(as) trabalhadores(as), ao Fórum da Lagoa dos Patos cabe a tarefa de, ao planejar suas atividades, direcionar a ação educativa, explicando a relação entre conhecimento gerado e a organização dos oprimidos, ambos meios necessários para a concretização de ações rumo à mudança (LOUREIRO e FRANCO, 2012 *apud* MOURA e LOUREIRO, 2015).

3.2.2. Reciclagem

O programa Reciclar é Vida tem como finalidade a segregação dos resíduos sólidos da Universidade e a geração de trabalho e renda a partir destes resíduos. Tendo início em 2006, com o apoio da Incubadora e financiamento do PROEXT, o programa recebia da Universidade os resíduos provenientes da coleta seletiva, tendo como destino a Associação Recicladora Vitória - ARV, localizada na Vila da Quinta (Rio Grande-RS). Atualmente a ARV continua recebendo a coleta seletiva da FURG e possui uma estrutura mínima adquirida pelo programa em 2006.

Em 2015, teve início o Projeto Catador em Ação, projeto de apoio, formação e assessoramento às quatro Associações e uma Cooperativa de Recicladores, financiado pela Prefeitura Municipal de Rio Grande/SMMA, realizado em parceria com o NUDESE/FURG.

Outra intenção desta ação na época foi o incentivo à constituição de um grupo que beneficiasse o papel agregando valor ao produto e mais que isto, buscando o resgate da cidadania e a valorização do trabalho cooperado. O grupo constituído para o beneficiamento do papel atua em sede dentro da Universidade e destina sua produção para diversos meios de comercialização: feira de artesanato do Centro de Convivência, Armazém de Economia Popular Solidária⁵, feiras da cidade e encomendas.

3.2.3. Artesanato

As ações do NUDESE neste segmento tiveram início com incentivo à participação em feiras e outros eventos e, posteriormente, quando integrantes dos grupos de artesanato vinculados ao Fórum Microrregional de Economia Popular Solidária tiveram necessidade de qualificação e fortalecimento do seu trabalho para tentar vencer a situação de vulnerabilidade social. Para atender esta demanda foi desenvolvido o Projeto Linhas e Letras em duas etapas que previa a capacitação dos artesãos nas áreas de corte e costura, pintura e tingimento, planejamento e marketing, bem como os temas relacionados à Economia Popular Solidária.

O projeto Linhas e Letras permitiu que várias pessoas e grupos se aproximassem da Incubadora com a intenção de trabalhar de forma coletiva e com os princípios da EPS. Atualmente no segmento Artesanato, tem-se assistido os grupos informais:

⁵ Espaço de comercialização da Economia Solidária no município do Rio Grande-RS, cuja coordenação é do NUDESE-FURG.

- a) Grupo de Artesãs da Barra - GAB: Este coletivo surge na 4ª Secção da Barra a partir do projeto Tartarugas Marinhas no litoral do Rio Grande do Sul desenvolvido pelo Núcleo de Educação e Monitoramento Ambiental - NEMA. Os trabalhos do NEMA propunham a conservação ambiental a partir da capacitação de mulheres para o artesanato nesta comunidade pesqueira, através de palestras e saídas de campo que fortaleciam o conhecimento das mulheres sobre seu ambiente, em especial despertando-as para a necessidade de preservação das tartarugas marinhas. As peças produzidas representavam espécies locais, divulgando aos consumidores a importância da preservação ambiental. Após a sua constituição, o grupo se aproximou do NUDESE e começou a receber capacitações sobre EPS, trabalho coletivo, organização social, planejamento financeiro, vendas, etc. Hoje o GAB é considerado um grupo em fase de pós-incubação.
- b) Grupo 3 Corujas: Surgiu da união de três artesãs após participação nos Cursos do Projeto Linhas e Letras e trabalham com artesanato que retrata a coruja buraqueira, espécie da região que está em risco de extinção. Sua produção envolve trabalho de costura à máquina, à mão, pintura em tecido e madeira, patchapliquê, tricô, crochê, bordados, entre outros.
- c) Re-utilize: Este grupo surge a partir do projeto que foi concebido no ano de 2008, pela professora Teresa Lenzi, do Curso de Artes Visuais e integra uma equipe de egressos e acadêmicos do referido curso. Seu objetivo está no aproveitamento dos resíduos materiais gerados pelo próprio sistema acadêmico com o aproveitamento de banners e posters utilizados em seminários, colóquios, cursos, para, a partir deles, criar uma linha de objetos utilitários acadêmicos, tais como bolsas, mochilas, pastas para eventos, etc. O Re-utilize aproximou sua proposta do NUDESE recentemente e já está participando dos meios de comercialização que o núcleo oportuniza para os grupos assessorados.

3.2.4. Alimentação

O trabalho com a gastronomia teve início em 2009 com a criação do Grupo Deguste que tinha seu trabalho voltado à perspectiva da Economia Popular Solidária, se definindo em iniciativas populares de geração de trabalho e renda baseadas na livre associação de trabalhadores e nos princípios de autogestão e cooperação. O trabalho teve sua maior

divulgação durante a 37ª Feira do Livro da FURG, evento de abrangência regional, onde as integrantes puderam comercializar seus lanches para todo o público da Feira. A partir daí o grupo começou a consolidar seu espaço dentro da Universidade sendo conhecido em eventos, congressos e seminários sediados pela FURG.

O trabalho na configuração do Grupo Deguste acabou se desfazendo em virtude do falecimento de uma das integrantes e aposentadoria de outra, o que impediu a continuidade daquele coletivo, porém a proposta se transformou em outro grupo denominado Delícias Solidárias, pautado nos mesmos princípios de trabalho com a EPS. Essa nova proposta também teve oportunidade de comercializar nas outras edições da Feira do Livro da FURG, bem como conveniar espaços da Universidade.

No segundo semestre do ano de 2016, o NUDESE criou o Grupo de Consumidores Responsáveis do Armazém de Economia Popular Solidária que são iniciativas “caracterizadas por um processo social de resistência às práticas convencionais de produção, comercialização, abastecimento e consumo, com motivações que transcendem a esfera individual, carregando múltiplos interesses e dimensões racionais e subjetivas” (MASCARENHAS et al., 2014, p. 04 *apud* MOURA et al., 2017). São, portanto, baseadas em critérios éticos, políticos, sociais e ambientais.

O Grupo de Consumidores Responsáveis do Armazém de Economia Popular Solidária:

[...] dispõe de uma Feira Virtual onde, atualmente, 57 consumidores adquirem produtos oriundos de empreendimentos econômicos solidários como, artesanatos, pescados, produtos orgânicos: hortifrutigranjeiros, sucos, laticínios, grãos e cereais, entre outros. As encomendas são realizadas pelos consumidores entre segunda e quinta-feira de cada semana através da plataforma virtual cirandas.net e a separação e entrega dos produtos acontece às sextas e sábados na sede do Armazém (MOURA et al., 2017).

3.2.5. Feiras

A agroecologia propõe um resgate de saberes das agricultoras e dos agricultores e a sua conexão com conhecimentos científicos para uma agricultura ecologicamente sustentável, socialmente justa e economicamente viável. Cada vez mais pessoas procuram alimentos produzidos de forma ecológica e solidária, sem exploração da natureza nem das famílias do campo. Para tanto, faz-se necessário difundir esta ideia cada vez mais, construindo uma proposta de um manejo sustentável das riquezas naturais. Entendendo essa necessidade, em 2012 o NUDESE articulou a criação de uma feira agroecológica, que desde então, ocorre todas as quartas-feiras, no Campus Carreiros da Universidade.

Em 2014, outro projeto desenvolvido pelo NUDESE, através de um convênio entre FURG e Prefeitura Municipal do Rio Grande, possibilitou também a inserção do pescado na feira agroecológica da Universidade e nas principais feiras da cidade. Tal projeto visa oportunizar a comercialização do pescado, fortalecendo a cadeia produtiva local, oferecendo também a comunidade Riograndina um produto saudável e de qualidade, com preço justo e solidário. O caminhão feira é operado pela Associação de Pescadores da Vila São Miguel - APESMI.

4. Educação Ambiental Crítica

Diante da crise socioambiental, fruto do modo de produção capitalista, e da emergência de seu enfrentamento, podemos afirmar que a Educação Ambiental Crítica precisa alcançar principalmente aqueles que estão em condições de maior vulnerabilidade, como é o caso das trabalhadoras e trabalhadores. Nessa perspectiva, a educação ambiental deve alcançar os múltiplos espaços da sociedade, a partir da perspectiva dos trabalhadores e do conjunto de oprimidos, e promover a práxis de caráter transformador e emancipatório das relações sociais. Logo, “ao se adotar uma Educação Ambiental Crítica, precisamos ir contra a desumanização, condição para a objetivação de relações sociais não alienadas com a natureza” (MOURA e LOUREIRO, 2015). Afinal,

Nenhuma mudança radical na ordem como se estrutura a sociedade poderá manter-se sem que as pessoas compreendam sua necessidade e atuem de forma consciente, crítica e coletiva, para a superação das contradições que atuam na produção e reprodução dessa ordem (MOURA e DAMO, 2015).

Nesse sentido, a Educação Ambiental, numa perspectiva crítica é aquela que:

[...] não pode abrir mão do rigor teórico-metodológico na análise da realidade. O pensamento crítico, ao desvendar o modo de produção capitalista, sua estrutura interna, as contradições que engendra enquanto processo social, seus limites materiais, aponta também os mecanismos de ocultamento dessa realidade, elaborados pela ideologia dominante. É importante compreender os traços fundamentais de um sistema que se baseia na exclusão social, na exploração da classe trabalhadora, na destruição da natureza e na mercantilização de todos os elementos da natureza e das dimensões sociais e culturais das relações humanas (TREIN, 2008, p. 43).

Moura e Damo (2015), ao falarem da Educação Ambiental Emancipatória, uma das vertentes da Educação Ambiental de cunho crítico, colocam que esta:

A Educação Ambiental emancipadora tem por objetivo provocar nos seres humanos, cada vez mais alienados e desumanizados pelas relações sociais degradantes hoje praticadas em sociedade e com a natureza, o despertar e atentar dos sentidos (os cinco natos, mais a vontade, o conhecimento e a emoção), para a compreensão crítica de mundo, reconectando a unidade de seu fazer com o seu pensar, e resgatando sua natureza realizadora, como sujeito das transformações sociais - impulsionadas estas, pelas contradições de cada sociedade – que fazem a história (MOURA e DAMO, 2015).

Dentro desta linha de compreensão da realidade trazida pelas autoras supra citadas, entendemos que a Educação Ambiental em sua perspectiva crítica, relaciona-se com o trabalho desenvolvido pelo NUDESE-FURG, pois à medida em que este contribui no empoderamento das trabalhadoras e trabalhadores por ele assistidos, com vistas ao enfrentamento da crise socioambiental instaurada, sobretudo, pelo modo de produção capitalista, cumpre com os fundamentos que sustentam a Educação Ambiental Crítica, quais sejam, a busca por outras relações sociais, em que não haja a exploração da natureza e do trabalho humano para o lucro de uns em detrimento de muitos.

Portanto, entendemos que a Educação Ambiental Crítica está presente na prática exercida pelo NUDESE junto às trabalhadoras e trabalhadores assistidos pelo Núcleo, tendo em vista que o trabalho realizado por este é baseado no diálogo enquanto processo de construção do conhecimento; no respeito à sabedoria e à cultura da comunidade; garantir o protagonismo, a mobilização e a organização de trabalhadores de forma crítica, buscando-se um outro mundo possível e necessário do trabalho.

5. Considerações Finais

Neste trabalho objetivamos trazer as contribuições do Núcleo de Desenvolvimento Social e Econômico (NUDESE-FURG), o qual contribui com o empoderamento dos sujeitos integrantes dos empreendimentos de Economia Solidária por ele atendidos, à luz do que vem a ser a Educação Ambiental Crítica.

Entendemos que o NUDESE, enquanto núcleo de extensão da Universidade Federal do Rio Grande, ao atuar dentro dos pressupostos da Economia Popular Solidária, tem contribuído para o desenvolvimento de outras relações de trabalho, diferentes das estabelecidas pelo modo de produção capitalista.

A Economia Popular Solidária, enquanto estratégia de desenvolvimento sustentável e solidário, fundamentada na organização coletiva de trabalhadores e trabalhadoras, tem a possibilidade de contribuir com o processo de empoderamento destes, na medida em que

busca a melhoria da qualidade de vida por meio do trabalho associado, cooperativado ou em grupos informais como uma forma de combater as desigualdades impostas pelo modo de produção capitalista, possibilitando, assim, o desenvolvimento de outro modo de produzir, consumir e de pensar as relações entre as pessoas.

Neste sentido, é que o trabalho desenvolvido pelo NUDESE-FURG se articula com o campo da Educação Ambiental Crítica, já que sob a perspectiva crítica, a Educação Ambiental almeja a autonomia e a liberdade das pessoas, através da busca por transformações das suas condições objetivas e subjetivas, existindo, assim, em função da crítica ao atual modelo de sociedade, pelo desvelamento da mesma, por meio do desenvolvimento da consciência crítica, o que pode levar à transformação material da realidade e dos sujeitos envolvidos neste processo (MOURA, 2016, p. 180-181).

Bibliografia

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao Trabalho: Ensaio sobre as Metamorfoses e a Centralidade do Mundo do trabalho**. Ed. Cortez. Ed. Unicamp. São Paulo, 1995.

_____. Luís Coltro. **O caracol e sua concha: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho**. 1ª Edição. São Paulo: Boitempo, 2005.

CATTANI, A. **A outra economia**. Porto Alegre: Veraz Editores, 2003.

FREIRE; M. **Série Seminários: Observação, Registro e Reflexão - Instrumentos Metodológicos I**. São Paulo. Artcolor, 1996.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

MOURA, Danieli Veleda; LOUREIRO, Carlos Frederico B.; ANELLO, Lúcia de F.S.; PEREIRA, Maria Odete da Rosa. **Situação-limite, ato-limite e inédito viável: as categorias freireanas presentes nas representações e práticas de educação ambiental no fórum da Lagoa dos Patos**. VII EPEA - Encontro Pesquisa em Educação Ambiental Rio Claro - SP, 07 a 10 de Julho de 2013.

MOURA, Danieli Veleda; LOUREIRO, Carlos Frederico B. **O Fórum da Lagoa Dos Patos e a Educação Ambiental Crítica: Uma Leitura a partir de Paulo Freire**. Contribuciones a las Ciencias Sociales. Nº 29, setembro e dezembro de 2015. Disponível em: <http://www.eumed.net/rev/cccss/2015/03/paulo-freire.html>. Acesso em maio de 2017.

MOURA, Danieli Veleda; DAMO, Andreisa. **A educação ambiental emancipadora na sociedade em conflito: educar para a sustentabilidade**. Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales, n. 28, abril-junio 2015. Disponível em: <http://www.eumed.net/rev/cccss/2015/01/educacion-emancipadora.html>. Acesso em abril de 2017.

MOURA, Danieli Veleda. **A Organização de Classe dos Pescadores Artesanais da Colônia Z-3 (Pelotas-RS, Brasil) na Luta pela Cidadania e Justiça Ambiental: Contribuições à Educação Ambiental Crítica**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental. Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, 2016.

MOURA, Danieli Veleda; BRAGA, Maria Angélica Machado; PIRES, Maria Cristina Machado. **Grupo de Consumidores Responsáveis do Armazém de Economia Popular Solidária: uma Experiência a partir do Núcleo de Desenvolvimento Social e Econômico da Universidade Federal do Rio Grande (NUDESE-FURG)**. XIX Fórum de Estudos Leituras de Paulo Freire - Reinventando Paulo Freire na atualidade: Pedagogia na Luta contra Opressões. Rio Grande-RS, 2017.

NASCIMENTO Cláudio. **Autogestão e o Novo Cooperativismo**. Disponível em: http://www.mte.gov.br/Temas/EconomiaSolidaria/TextosDiscussao/Conteudo/AUTOGESTAO_COOPERATIVISMO.pdf. Acesso em: 02 de mai. 2017.

RIBEIRO, Marlene. **Trabalho cooperativo no MST e ensino fundamental rural: desafios à educação básica**. Revista Brasileira de Educação Porto Alegre, p.2007.

ROLDÃO, Luciana Barros. **Cooperativismo e Economia Popular Solidaria**. Monografia de Conclusão do Curso de Direito, DCJ/FURG, 2004.

SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

_____ Uma Utopia Militante: Repensando o socialismo. Petrópolis: Vozes, 1998.

SCHÜTZ, Rosalvo et alii. **Economia Popular Solidária. Pesquisa/ação Regiões: Altos da Serra – Grande Porto Alegre – Sul/RS**. Porto Alegre: Evangraf, 2002.

TREIN, Eunice Schilling. A Educação Ambiental numa Perspectiva Crítica. In TV Escola – Série Salto para o Futuro. **A Perspectiva Crítica e Emancipatória da Educação Ambiental**. Programa 4. Secretaria de Educação à Distância. Ministério da Educação. Ano XVIII, p. 41-45, 2008.

Submetido em: 20-05-2017.

Publicado em: 01-06-2017.